

NOVAS FEMINILIDADES NA OBRA LITERÁRIA DE KOPANO MATLWA

Mariana Sakaizawa Soares¹

Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO

A África do Sul passou por um período prolongado de opressão sistematizada da população negra que chegou ao fim apenas em 1994, quando ocorreram as primeiras eleições democráticas. Mesmo assim, o país continuou a viver sob o domínio dos valores culturais da minoria branca. Além disso, na época de luta contra o *Apartheid*, em que toda a comunidade negra tinha um interesse em comum por igualdade de direitos, as mulheres foram subordinadas em favor da agenda e da luta nacionalista, que previa a defesa das demandas prioritariamente masculinas. Diante disso, temos como objetos de estudo os romances da escritora Kopano Matlwa, que refletem as realidades sociais e políticas atuais, através dos quais analisamos as políticas de gênero que modelam as noções de feminilidade na África do Sul, por meio do retrato de suas protagonistas contemporâneas. Temos o intuito de captar como a autora exprime a experiência feminina em seus textos literários e de que forma suas protagonistas negras lidam com a imposição dos valores brancos ocidentais nesse país, cuja luta por igualdade não se estendeu às causas femininas e, portanto, as mulheres ainda convivem com a dura realidade de um dos países mais violentos no que se refere à condição feminina, liderando os rankings mundiais de violência sexual contra as mulheres. Dessa forma, investigamos o que implica ser mulher e negra na atual África do Sul diante da herança da colonização, do sistema de segregação racial e de uma sociedade africana patriarcal.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura sul-africana, Kopano Matlwa, feminilidade.

NEW FEMININITIES IN THE LITERARY WORK BY KOPANO MATLWA

¹ Mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (2016). Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Professora de língua inglesa na Secretaria de Educação de Mato Grosso,

ABSTRACT

South Africa went through a long period of systematic oppression over the black people that came to an end only in 1994, when the first democratic elections took place. Even so, the country continued to live under the control of the cultural values of a white minority. Moreover, at the time of the struggle against Apartheid, in which the entire black community had a common interest on equal rights, women were subordinated to the nationalist agenda, which fought for the defense of primarily male demands. Therefore, we have as study objects the novels written by Kopano Matlwa, who reflect the current social and political realities, through which we analyze the gender policies that model the notions of femininity in South Africa, through the portrayal of its contemporary protagonists. We intend to capture how the author expresses the feminine experience in her literary texts and how her black protagonists deal with the imposition of Western white values in that country, whose struggle for equality did not extend to women's causes, so women still live with the harsh reality of one of the most violent countries as to women condition and leads the world rankings of sexual violence against women. In this way, we investigate what it means to be woman and black in present-day South Africa, faced with the inheritance of colonization, the racial segregation system and a patriarchal African society.

KEYWORDS: South-African Literature, Kopano Matlwa, femininity.

NUEVAS FEMINIDADES EN LA OBRA LITERARIA DE KOPANO MATLWA

RESUMEN

Sudáfrica pasó por un período prolongado de opresión sistematizada de la población negra que llegó a su fin sólo en 1994, cuando ocurrieron las primeras elecciones democráticas. Sin embargo, el país continuó viviendo bajo el dominio de los valores culturales de la minoría blanca. Además, en la época de lucha contra el Apartheid, en que toda la comunidad negra tenía un interés en común por la igualdad de derechos, las mujeres fueron subordinadas a favor de la agenda y de la lucha nacionalista, que preveía la defensa de las demandas de prioridad masculinas. Por eso, tenemos como objetos de estudio las novelas de la escritora Kopano Matlwa, que reflejan las realidades sociales y políticas actuales, a través de las cuales analizamos las políticas de género que modelan las nociones de feminidad en Sudáfrica, por medio del retrato de sus protagonistas contemporáneas. Tenemos la intención de captar cómo la autora expresa la experiencia femenina en sus textos literarios y de qué forma sus protagonistas negras tratan con la imposición de los valores blancos occidentales en ese país cuya lucha por igualdad no se extendió a las causas femeninas y por lo tanto las mujeres aún conviven con la dura realidad de uno de los países más violentos en lo que se refiere a la condición femenina, liderando los rankings mundiales de violencia sexual contra las mujeres. De esa forma, investigamos lo que implica ser mujer y negra en la actual África del Sur ante la herencia de la colonización, del sistema de segregación racial y de una sociedad africana patriarcal.

PALABRAS CLAVE: Literatura sudafricana, Kopano Matlwa, feminidad.

Introdução

O intuito deste trabalho é analisar brevemente as políticas de gênero que modelam as noções de feminilidade na África do Sul, denunciadas nos romances *Coconut* (2007) e *Spilt Milk* (2010) de Kopano Matlwa, por meio do retrato de suas protagonistas femininas contemporâneas. Na obra inaugural de Matlwa, *Coconut*, conhecemos Ofilwe Tlou e Fikile Twala, jovens negras que contam suas lutas acerca da construção de suas identidades na África do Sul pós-*apartheid*. Ofilwe vive num subúrbio branco com sua família abastada e frequenta uma escola mista particular, mas cuja maioria é de alunos brancos. Enquanto, Fikile vive a realidade do distrito pobre, local que ela anseia abandonar, partindo em busca das promessas de prosperidade e igualdade do pós-*apartheid*.

Já a segunda obra publicada de Matlwa, *Spilt Milk* traz como protagonista Mohumagadi, uma mulher negra que resiste fortemente a tudo que remeta à cultura branca. Descobrimos que Mohumagadi fora abandonada e traída por um amante branco ainda na época em que relacionamentos inter-raciais eram considerados crimes. Ela é a diretora e fundadora da Sekolo sa Ditlhora (Escola de Excelência), uma escola de elite para crianças negras, que foi forçada a receber a influência religiosa católica na formação dos alunos. Mohumagadi, então, relutantemente, convida um padre para, temporariamente, comandar uma classe de detenção, mas para sua surpresa, o padre designado para esse serviço é seu antigo amor da juventude.

Diante da riqueza dos enredos apresentados por Matlwa, buscamos analisar a complexidade da realidade feminina na África do Sul e para entender a importância da questão do gênero na atualidade, é necessário percorrer os estudos de alguns teóricos que ajudam a compreender a complexidade do tema.

Mulher como construção social

Adriana Piscitelli (2009) discorre sobre a relevância da discussão sobre gênero ao lembrar que ainda estamos inseridos numa sociedade que perpetua as diferenças entre homens e mulheres, fomentando a discriminação feminina. A autora argumenta que, geralmente, essa discriminação é justificada pela afirmação da existência de diferenças entre homens e mulheres. Desse modo, essas diferenças foram por muito tempo consideradas inatas e imutáveis, e esse discurso utilizado como justificativa para a necessidade de manter espaços e performances sociais distintos para homens e mulheres. Conseqüentemente, como resultado desse tipo de pensamento, as desigualdades acabaram por também serem naturalizadas, como algo necessário para manter os indivíduos desempenhando os papéis adequados de acordo com seu gênero.

Miriam Grossi (2004) faz uma breve análise sobre os principais conceitos sobre gênero, lembrando que para a corrente pós-estruturalista, o gênero é permeado pelo discurso, já para as teorias estruturalistas o gênero se constitui numa relação de oposição entre feminino e masculino, e, para as teorias pós-modernas, o gênero pode ser alterado, existindo a possibilidade de múltiplos gêneros, não apenas feminino e masculino. Diante disso, podemos entender o gênero como uma performance social, regulada pelo contexto histórico e social dos indivíduos. Ademais, o gênero vai além do binarismo feminino e masculino, e como afirma Judith Butler (2015) tem caráter mutável, e não deve ser entendido como algo fixo. Então, a categoria mulher é, na verdade, “um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim” (BUTLER, 2015, p. 69).

A pesquisadora Donna Haraway (2004) também entende que o sexo, similarmente à noção de raça, trata de um conceito construído socialmente. Além disso, a autora afirma que

as teorias feministas de mulheres brancas euro-americanas foram criticadas, principalmente por mulheres negras, por propagar uma noção universal da problemática de gênero, com tendência etnocêntrica que acabou por caracterizar a mulher do Terceiro Mundo sob uma ótica racista e colonialista, que a define como fêmea marcada, animal sexual e sem direitos, ao contrario da mulher branca, que é vista como humana e esposa potencial. Logo, o discurso feminista branco não representava as lutas das mulheres negras ou dos países em desenvolvimento. Dessa forma, para Haraway o discurso feminista negro buscou privilegiar, primeiramente, a ascensão da raça, em detrimento de separações categóricas entre homens e mulheres, mas sem esquecer a dominação masculina de brancos e negros. Sendo assim, para a autora uma teoria feminista de gênero adequada deve também ser uma teoria da diferença racial, que leve em consideração as diversidades de produção e reprodução das escalas de poder na sociedade.

Da mesma maneira, Piscitelli ressalta a dificuldade que houve, para o movimento feminista das sociedades hegemônicas, em abarcar as lutas das mulheres negras, pois mesmo sofrendo as mesmas formas de dominação que as mulheres brancas, a mulher negra foi colocada ainda mais a margem da sociedade racista e machista. Portanto, ainda de acordo com Piscitelli, feministas negras e de países em desenvolvimento, sugeriam ao invés de uma crítica apenas ao sistema sexo/gênero, um questionamento de outras formas de diferenciação que se entrelaçam com o gênero, como as diferenças raciais e sociais.

Joan Scott (1995) também ressalta que se deve levar em consideração pelo menos três eixos (classe, raça e gênero), para entender as instâncias que organizam as desigualdades de poder na sociedade e a situação do sujeito oprimido. Assim, como as outras pesquisadoras, Scott afirma a necessidade de analisar os outros marcadores sociais que regem as formas de poder na sociedade. Esses fatores ficam ainda mais evidentes nas antigas colônias que apesar da independência política, permanecem, segundo Ramon Grosfoguel (2001) numa situação

colonial, diante da opressão e exploração de grupos subordinados por grupos dominantes. Grosfoguel também comenta que essa situação colonial configura a colonialidade do poder, num encontro de múltiplas hierarquias (heterarquias) globais. Em outras palavras, essas hierarquias conduzem as estruturas de poder atuais, privilegiando, primeiramente, o europeu/ocidental sobre o não europeu, o homem sobre a mulher, o heterossexual sobre o homossexual e também o cristão sobre o não cristão.

Entretanto, a raça passou a ser o elemento configurador de todas as outras hierarquias, mas sem eliminá-las. Então, apesar de haver uma hierarquia sexual, que coloca o homem como superior à mulher na maior parte das sociedades do mundo e certamente em meio às sociedades tradicionais africanas, a hierarquia racial reconfigura essa ordem, elevando a mulher branca a um status superior ao homem negro, mas ainda inferior ao homem branco. Conseqüentemente, essa estruturação das políticas de dominância deixa a mulher de origem não europeia numa situação ainda mais desfavorável. Conforme explica Lucia Tennina (2015), é ainda mais complexa a posição das mulheres negras e pobres, pois elas sofrem, além da exclusão de raça, a exclusão de classe, de gênero e são marginalizadas tanto pelo grupo dominante, como pelos homens também periféricos: “[s]eriam algo como subalternas dos subalternos, dominadas dos dominados, ou seja, duas vezes subalternas e dominadas” (TENNINA, 2015, p. 58).

Butler discorre que o sujeito mulher já não é mais compreendido como estável e permanente, sendo pequena ou nula a concordância que constitui a categoria das mulheres. A autora também lembra que ser mulher não é tudo que uma pessoa pode ser, pois “o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (BULTER, 2015, p. 21). Para autora, as noções de gênero imprimidas na sociedade e até mesmo a de sexo físico são, na verdade, construções sociais e históricas. Dessa forma, ela sugere uma ampliação do significado de feminino e

masculino, numa tentativa de questionar a suposta fixidez do sujeito. Logo, os sujeitos femininos devem ser libertos dos preconceitos e estereótipos aos quais foram subjugados por tanto tempo, pois, como indivíduos mutáveis e em desenvolvimento, não podem ser vinculados a uma identidade única e homogênea.

Podemos entender que a construção do modelo do que significa ser mulher ou homem e o comportamento padronizado que se espera de cada um são resultado dos estereótipos e discursos tradicionais produzidos pela cultura. Diante disso, a obra de Matlwa se destaca porque rompe com os antigos estereótipos, apresentando protagonistas femininas instáveis e em evolução. Ademais, a autora contraria a premissa de que escritoras femininas retratam apenas histórias sentimentais ao retratar jovens negras sul-africanas que, assim como sua nação, estão em constante processo de formação e desenvolvimento.

A realidade sul-africana

Lynda Spencer (2014) chama a atenção para o fato de que, mesmo na época de luta contra o *Apartheid*, em que toda a comunidade negra tinha um interesse em comum por igualdade de direitos, as mulheres foram subordinadas em favor da agenda e da luta nacionalista, que previa a defesa das demandas prioritariamente masculinas. E, apesar dos fortes movimentos de mulheres e da intensa participação delas como informantes, espiãs, soldados e líderes, o papel feminino nesse momento histórico foi inadequadamente reconhecido.

Embora atualmente existam proteções constitucionais a favor do sexo feminino, como a lei de combate à violência doméstica e estupro de 1998, na prática, há pouca representação e participação feminina efetiva no governo e as causas das mulheres acabam sendo minoritárias. Isso se reflete na realidade da África do Sul que apresenta estatísticas assustadoras de abuso

contra mulheres. De acordo com Gleyma Lima e Polyanna Rocha (2012), uma mulher é sexualmente violentada a cada 27 segundos, e uma em cada três mulheres sul-africanas serão violentadas pelo menos uma vez na vida. Para as autoras, tal estatística se deve ao fato de que a maioria dos homens acredita que forçar alguém a fazer sexo não é um ato de violência. A África do Sul lidera o ranking mundial de violência feminina, principalmente contra lésbicas e nas regiões mais pobres. Se levarmos em consideração as mulheres negras, pobres, lésbicas e não cristãs, a situação é ainda pior e, como aponta Spencer, essa vulnerabilidade é refletida nas estatísticas que mostram que as lésbicas que residem nos distritos² na África do Sul tendem a viver em constante medo de serem atacadas, violentadas e assassinadas.

Dessa forma, as atuais mudanças nas relações de gênero resultaram não apenas na violência contra a mulher, mas também na violência homofóbica. Spencer afirma que os homens fazem uso da violência para reforçar seu domínio, principalmente, sobre as mulheres, já que eles sentem necessidade de preservar o controle e o poder. Portanto, eles se sentem ameaçados quando percebem que há uma tendência que leva as mulheres à independência. Assim, a “violência se torna um instrumento para reforçar a dominação masculina e instilar o medo e o terror, e intimidar e humilhar as mulheres” (SPENCER, 2014, p. 110, tradução da autora).

Conseqüentemente, a dominação dos homens sobre as mulheres também ocorre na literatura, que anteriormente se mantinha uma atividade exclusivamente masculina, mantenedora dos conceitos universais de mulher ideal. Então, para mulheres escritoras, o ato de escrever pode ser lido como um confronto direto dessa tendência, pois a escrita permite que as mulheres falem e reflitam sobre suas realidades. E, se antes as mulheres eram

² Os distritos são as regiões que foram destinadas como moradia para a população negra durante o período do *Apartheid*, mas que ainda se apresentam como locais de moradia exclusivamente de pessoas negras e de baixa renda.

retratadas como figuras idealizadas ou apenas como esposas, mães, filhas e amantes de alguém, agora a escrita se volta para suas experiências como sujeitos agentes e reflexivos.

Feminilidades em *Coconut*

No romance *Coconut*, Matlwa nos oferece um relato crítico sobre a África do Sul dezesseis anos após as primeiras eleições democráticas. A autora apresenta os dois lados opostos da cadeia social representados por Ofilwe e Fikile, aqueles sul-africanos negros que ascenderam após o *Apartheid* e aqueles que não o fizeram. Ofilwe protagoniza a história de uma garota negra inserida num mundo branco, longe de sua herança cultural, e que possui um forte desejo de se encaixar socialmente. Já Fikile vive com as promessas não atendidas do melhor amanhã que o fim do *Apartheid* prometia trazer e anseia deixar para trás sua vida no distrito.

A estrutura da família de Ofilwe Tlou é bastante complexa, já que, mesmo financeiramente prósperos, ainda são afetados pelo patriarcado tradicional, que divulga a noção de que mesmo que a situação financeira propicie melhores condições de vida, a mulher ainda deve ser submissa ao homem. Matlwa usa Gemina, mãe de Ofilwe, como um lembrete de que, mesmo uma mulher em situação financeira confortável, está sujeita à dominação masculina, principalmente porque ela é de origem humilde. A própria mãe de Gemina toma como tola ingenuidade o fato da filha cogitar que pode sobreviver sem o marido, alertando-a que ela tem dois filhos para criar e nenhum lugar para ir sem o apoio do seu marido, reforçando a ideia de que a mulher deve suportar qualquer situação ao lado do marido pelo bem-estar da família.

Já a protagonista da segunda parte desse romance de Matlwa, Fikile, declara que não suporta a presença de homens negros e prefere a amizade das mulheres, pois os homens lhe

inspiram medo e asco. Todos os dias ela tem de enfrentar as investidas de homens que “não têm nenhum respeito pelas mulheres” (MATLWA, 2007, p. 129, tradução da autora).³ Entretanto, uma mulher adverte Fikile que um dia os homens podem se cansar de sua rejeição e dar uma boa lição nela, fazendo com que se arrependa de sua atitude. O chocante é que outra mulher avisa Fikile sobre o “direito” masculino sobre o corpo feminino.

Fikile expressa desprezo por homens negros que cruzam seu caminho, “[o]s homens me dão nojo. Todos são um bando de criminosos. Um bando de criminosos sem educação. Olham para mim como se quisessem me estuprar e eu sei que fariam isso se não houvesse tantas pessoas ao redor. (MATLWA, 2007, p. 129, tradução da autora).⁴ Esse ódio exacerbado que Fikile sente pode ser atribuído à sua experiência de abuso sexual vivida em sua própria casa e cometida pelo seu tio quando ela era mais nova. A prática do abuso continua até ela ter pouco mais de 13 anos, quando ela escuta na escola, em uma palestra de orientação sobre abuso sexual, que o que seu tio fazia era errado. Antes a menina, ingenuamente, acreditava que satisfazer sexualmente seu tio era talvez algum tipo de obrigação, e até minimiza a experiência, observando que “o Tio nunca tinha me tocado de uma maneira ruim e tudo o que eu tinha feito era esfregar sua cobra quando ele estava triste para impedi-lo de chorar” (MATLWA, 2007, p. 115, tradução da autora).⁵

Assim, por vários anos, a jovem acreditou que não deveria reagir ao abuso sexual que sofria e que, na verdade, a situação era sua culpa. O fato de ser mulher permitiu que Fikile acreditasse por tantos anos que era seu dever satisfazer o tio como homem, pois a sociedade prega que a mulher deve ser submissa e acatar todas as vontades masculinas, dando plenos

³ Cf. o trecho original: “Have no respect for women”.

⁴ Cf. o trecho original: “The men disgust me. All of them are a bunch of criminals. A bunch of uneducated criminals. They look at me like they want to rape me and I know they would do it if there weren't so many people around”.

⁵ Cf. o trecho original: “Uncle had never touched me in a bad way and all I had ever done was to rub his snake when he was sad to stop him from crying”.

direitos ao homem de tomar o corpo da mulher como sua propriedade. Além disso, o tio de Fikile é descrito como um homem fracassado que não logrou nada de bom em sua vida, então, a única coisa que ele consegue dominar é o corpo da sobrinha, que não tem como se defender.

Entretanto, essa experiência não afetou a determinação de Fikile por uma oportunidade de deixar o distrito, buscando a ascensão social. Ela afirma que está disposta a fazer qualquer coisa para alcançar esse objetivo e a única forma aparentemente viável e concreta seria através de um relacionamento com um homem branco que pudesse beneficiá-la, já que por outros méritos o sucesso parece ser improvável nessa sociedade. O desejo de Fikile em se relacionar com homens brancos se deve à sua necessidade de ser salva da triste realidade em que vive. Apesar de, primeiramente, a atitude de Fikile parecer frívola e ingênua, podemos entender que essa é a maneira encontrada pela garota para alterar sua realidade, ou seja, ela tenta se beneficiar de alguma maneira de sua situação, para melhorar sua vida. As autoras, Piscitelli e Haraway ressaltam que a situação do oprimido muitas vezes não se resume apenas à relação de dominação/subordinação, pois é possível perceber alguma agencia em certos casos, em que o subordinado, consegue entender o sistema de dominação e tirar algum proveito disso, se tornando agentes de transformação. Logo, podemos entender os objetivos de Fikile como a forma de agencia encontrada por ela para lutar por transformação.

Já Ofilwe, não acredita em relacionamentos amorosos e no casamento. Embora, quando criança, já tenha tido interesse em diferentes garotos da escola, as decepções destruíram as expectativas da jovem ao ser rejeitada por ser negra. Dessa forma, Ofilwe sente aversão ao casamento, já que ela não vê a necessidade de um marido em sua vida: “eu não tenho uma imagem de um marido ideal em mente nem estou certa se eu até mesmo fantasiei um” (MATLWA, 2007, p. 19, tradução da autora).⁶ Então, contrariando sua sociedade e as

⁶ Cf. o trecho original: “I do not have a picture of an ideal husband in mind nor am I certain whether I even fancy one”.

crenças propagadas não apenas pela cultura branca, mas também pela tradição africana de que uma mulher só se torna alguém relevante a partir do momento em que se casa, Ofilwe não deseja se casar. Tendo sido rejeitada por homens negros e brancos que passaram em sua vida e vendo sua mãe num casamento infeliz, essas experiências não instigam em Ofilwe o desejo de unir sua vida à de outro homem. Para Haraway, o casamento pode ser visto como uma reprodução da relação de dominação entre homens e mulheres, portanto, a recusa feminina ao casamento, trata de uma afirmação das mulheres como sujeitos independentes da dominação masculina. Matlwa ainda comenta em seu romance que as antigas tradições africanas também têm estereótipos definidos sobre o que é ser mulher e qual seu papel na sociedade, e essa definição causa medo em Ofilwe, no momento em que ela percebe que desconhece os ritos e os costumes de seus antepassados. Ela teme o dia em que os outros cobrarão dela esse conhecimento, pois como mulher ela é a futura responsável da família em manter e perpetuar essa cultura. Esses estereótipos implantados, seja pela sociedade tradicional africana, seja pela hegemonia ocidental, nada mais são do que construções idealizadas sobre o que é ser mulher.

O feminino em *Spilt Milk*

O romance *Spilt Milk* também nos apresenta uma protagonista que sente o peso das cobranças sociais por não se encaixar no padrão esperado para uma mulher negra sul-africana. Mohumagadi é uma mulher que luta pela construção de identidades que privilegiem apenas os valores da cultura africana negra e, para tanto, decide fundar um espaço que atenda as necessidades das crianças negras que, frequentemente, são ignoradas nas outras. Conforme explica Randi Rodgers (2013), a educação tem sido usada como forma de doutrinação de jovens para se adequar e aceitar as ideologias dominantes, “[a] educação colonial desenfatura aspectos importantes e frutíferos das filosofias e práticas indígenas” (RODGERS, p.3, 2013,

tradução da autora). Dessa forma, vemos em *Spilt Milk* a luta da protagonista para trilhar o caminho inverso, assim percebemos em *Mohumagadi* a agência do subordinado de que falaram Piscitelli e Haraway, que pode tornar o sujeito dominado em agente de transformação. Para tanto, *Mohumagadi* idealizou uma escola que oferecesse um ensino diferenciado e voltado para as especificidades da população negra.

Um lugar onde Matemática não seria simplesmente uma ferramenta ensinada para calcular a taxa de mortalidade, para computar as dívidas e para adicionar zeros para economias em crise, mas um meio de adicionar algo para o nada, para criar mudança, preencher o espaço, organizar o pensamento e multiplicar resultados. Um lugar onde a história não seria um assunto de datas pós-independência narrados com ressentimentos, guerra e ódio, mas iria ficar como um testemunho de todas as coisas a superar de todos os séculos passados. Um lembrete de onde estivemos e de onde já não queremos estar. (MATLWA, 2010, p. 4, tradução da autora).⁷

Logo, *Mohumagadi*, cansada de esperar pelas transformações, decide ela mesma iniciar a mudança que deseja ver no país, criando uma escola que priorize ensinar crianças negras que podem estabelecer as transformações que a população anseia. Então, ela luta para preservar apenas a cultura negra nesse espaço, rejeitando qualquer forma de ensino que possa privilegiar os valores culturais brancos. Vislumbramos que *Mohumagadi* anseia por firmar uma separação entre as raças, no intuito de beneficiar os negros, já que ela acredita que a convivência com brancos pode ser prejudicial, logo, ela deseja estabelecer uma verdadeira segregação entre as raças, mas que diferentemente do período do *Apartheid*, privilegia a raça negra. Todavia, mesmo quebrando os padrões esperados para personagens femininas, *Mohumagadi* não está imune às expectativas de sua sociedade em relação à maternidade e

⁷ Cf. o trecho original: “A place where Mathematics would not simply be a tool taught to tally mortality rates, to compute debts and to add zeros to failing economies, but a means to as something to the nothingness, to create change, fill space, organise thinking and multiply results. A place where History would not be a subject of chronicled post-independence dates of resentments, war and hatred but would stand as a witness to all things overcome from all centuries gone by. A reminder of where we have been and where we no longer want to be”.

casamento e muitas vezes se depara refletindo sobre a necessidade das pessoas em saber os motivos pelos quais ela não quis para si o que a maioria das mulheres quer. A protagonista ainda sugere que, na verdade, muitas mulheres apenas casam e tem filhos devido à pressão dos estereótipos impostos pela sociedade que afirmam que essa é a atitude esperada e aceitável para elas.

Mas eles não entendiam que não havia alternativa para ela e nem todo mundo foi feito para ter três filhos, um marido e uma ousie.⁸ Ela tinha uma empregada branca, uma escola cheia de crianças excepcionais, uma coluna no jornal e nenhum homem para desacelera-la. Eles não viam que para algumas pessoas era necessário sacrificar suas vidas pessoais para algo maior que eles mesmos e que era um trabalho de amor. Ela não era mais infeliz do que a esposa de algum gigante BEE que dirigia por aí em um carro veloz com um monte de meninas no décimo ano. Todos nós escolhemos. Ela apenas escolheu de forma diferente. (MATLWA, 2010, p. 96, tradução da autora).⁹

A obra de Matlwa rompe com os antigos estereótipos, apresentando protagonistas femininas instáveis e em evolução, contrariando a premissa de que escritoras femininas retratam apenas histórias sentimentais ao retratar negras sul-africanas que, assim como sua nação, estão em constante processo de formação e desenvolvimento. A autora também questiona a tendência geral na literatura escrita por homens de retratar a mulher apenas como um ser mitológico seja positiva ou negativamente.

Considerações Finais

⁸Gíria sul-africana que se refere a uma mulher negra, que geralmente trabalha como empregada doméstica.

⁹ Cf. o trecho original: “But they didn’t understand there was no other alternative for her and not everyone was made for the three children, a husband and ousie. She had a white maid, a school full of exceptional children, a column in the newspaper, and no man to slow her down. They didn’t see that some people needed to sacrifice their personal lives for something greater than themselves, and that it was a labour of love. She was no more unhappy than the wife of some BEE giant who drove around in a fast car with a bunch of Grade Ten girls. We all choose. She just chose differently”.

As discussões a cerca da temática sobre gênero, são necessárias não apenas por problematizar a situação da mulher na sociedade atual, mas também por permitir levantar questões pertinentes à reflexão sobre as instancias reguladoras do poder. Assim, percebemos que além da hierarquia de gênero, existem outros marcadores sociais que constroem a posição do indivíduo na sociedade, como a classe, a raça, a religião. E assim, como os indivíduos que estão em constante evolução, estes marcadores também são mutáveis, pois acompanham as mudanças sociais, e se adequam para montar novas configurações do poder.

Dessa forma, os romances *Coconut* e *Spilt Milk* expõem claramente a opressão ainda enfrentada pela mulher numa nova sociedade sul-africana, mas que não estende seus ideais de igualdade às causas femininas. Diante das dinâmicas propostas por Matlwa para os personagens femininos e masculinos, percebemos que a mulher negra é aquela que está mais à margem nessa sociedade que perpetua valores patriarcais. Todavia, suas protagonistas ainda conseguem demonstrar certa agencia em relação a sua situação de subordinação, usando os mecanismos ao seu alcance para lutar por transformações.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade.** Trad.: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

GROSGOUEL, Ramón. Decolonizing post-colonial studies and paradigms of political economy: transmodernity, decolonial thinking and global coloniality. **TRANSMODERNITY: Journal of peripheral cultural production of the Luso-Hispanic world**, School of Social Sciences, Humanities and Arts, UC Merced, p. 2-38, 2011.

GROSSI, Miriam. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão**, n. 75, 2004.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. In: **Cadernos Pagu**, 22: p.201-246, 2004.

LIMA, Gleyma. ROCHA, Polyanna. **Capital mundial do estupro: na África do Sul, uma mulher é violentada a cada 27 segundos**. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/21013/capital+mundial+do+estupro+na+africa+do+sul+uma+mulher+e+violentada+a+cada+27+segundos.shtml>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

MATLWA, Kopano. **Coconut**. Auckland Park: Jacana Media, 2007.

_____. **Spilt Milk**. Auckland Park: Jacana Media, 2010.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: BUARQUE DE ALMEIDA, H.; SZWAKI, J. (org) **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, p. 116-148, 2009.

RODGERS, Randi. **Representations of women, identity and education in the novels of Tsitsi Dangarembga and Kopano Matlwa**. 2013. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Inglês, Stellenbosch University, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, vol. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SPENCER, Lynda. **Writing women in Uganda and South Africa: emerging writers from post-repressive regimes**. 2014. 236 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Artes e Ciências Sociais, Stellenbosch University, 2014.

TENNINA, Lucía. A voz e a letra da mulher na literatura marginal periférica: figurações e reconfigurações do eu. In: DALCASTAGNÈ, Regina. LEAL, Virgínia. (org.) **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.